

## **A EDUCAÇÃO ACONTECE: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE SEIS MESES**

Mónica Faria e Natacha Antão

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

### **Resumo**

Aprendemos nos livros, a partir de alguma conversa que tivemos, a tomar um café, na companhia de um amigo, com as várias histórias que nos contam que a educação e a escolarização nem sempre andaram de mãos dadas. A educação trata-se de um processo temporal, político, geográfico, que denuncia projetos de sociedade, modos de vida e, que por ser assim mesmo, reflete interesses, culturas, identidades, ideais, propósitos. Assim, é possível estudar metodologias, pedagogias ou movimentos educativos diversos, diferenciados e plurais. Eu, Mónica, aprendi essa realidade com o quilombo da Conceição das Crioulas, Pernambuco, Brasil. Terminei a Licenciatura de Artes Plásticas, com a inquietação que a pedagogia crioula (NASCIMENTO, 2017) era a academia que eu devia frequentar. Aquando do Mestrado, continuei a transportar para o contexto académico português as aprendizagens que partilhava na comunidade quilombola, com as professoras quilombolas, com as mestras quilombolas. De forma que, quando continuei para o doutoramento foi para a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas que me desloquei e onde ganhei casa durante dois anos. Terminei essa etapa no Porto, em 2016, e abracei outros projetos. Conceição das Crioulas passou a ser o que sempre aspirou a ser em mim: casa, saber, escola, fibra, partilha, encontro, resistência, despedida, abraços e saudades.

Em 2018, voltei à Faculdade como Professora Convidada, para lecionar Atelier I na Licenciatura de Artes Visuais, que iniciou no ano letivo de 2018/2019, na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, em Guimarães, Portugal. Partimos para a rua, fizemos das estradas as mesas da escola, da paisagem a paleta de cores e ocupando a sala “museu” da escola fixamos um lugar de convergência para refletir as múltiplas e divergentes experiências que aconteciam. Nessa prática revi as minhas aprendizagens crioulas, a pedagogia que aproxima saberes, pessoas, currículos, que se pode exercer em qualquer espaço e lugar, sem restrições nem condicionamentos temporais ou espaciais.

No século XXI para pensar e refletir sobre Educação, partimos do princípio que ela acontece sobre várias dimensões, em diferentes espaços e em relações interpessoais dinâmicas onde o uso de diferentes linguagens e diversas narrativas enriquece o pensar, o fazer e o (re)criar, onde tudo é ação e consiste no fazer, experimentar, errar. Atentas no passado das histórias da educação, estamos a propor um projeto educativo e artístico que pensa uma escola/cidade, reconhecendo a cidade como um espaço partilhado por um coletivo de pessoas sedentárias ou nómadas, num frenesim contínuo de encontros com a história local e global, passada, presente, pensada para o futuro.

Aproveitando o fato da nossa escola poder oferecer pela primeira vez uma licenciatura em artes, e acreditando num projeto distinto da oferta existente apostamos num método de ensino baseado em projeto com um tema que procurou estabelecer uma forte ligação com a cidade. Partindo do conceito de deriva (DEBORD, 1958) e do andar como prática de investigação artística (CARERI, 2002) propusemos aos estudantes explorar a cidade de Guimarães, lugar que habitariam nos próximos anos, como impulsionadora de trabalho artístico. Em completo com esta aproximação geográfica, social e pessoal à cidade proporcionou-se também uma forte ligação com a cultura local e artística da região (Museus, Centros de Arte, Galerias) através de encontros e desencontros com artistas e temáticas contemporâneas inúteis (ORDINE, 2013).

Interessa-nos olhar para este processo educativo e artístico sob o prisma de que toda a educação é informal. Esta nossa pedagogia de ensino-aprendizagem lembra-me sempre da experiência que tive da pedagogia crioula, que nos propõe olhar o local como um organismo vivo, cheio de histórias em constante ebulição, de saberes, de resistências e plural.

Sendo que a educação formal surge por uma necessidade de controlo, uma ferramenta de poder e de domínio (ILLICH, 1971), ela limita e hierarquiza o saber por determinar um conhecimento obrigatório – o currículo – que define o que é importante para um tempo, um espaço, um grupo de pessoas, qual a história que deve ser contada e quem é que a conta. Por isso, aproximamo-nos da pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996) e sob o chapéu da educação não formal, e reconhecendo que a educação acontece de modo mediado e não mediado, podemos questionar saber, tempo, espaço e história, recuando para um lugar onde a educação não pode ser controlada ou controladora e pode ser artística e indisciplinada.

A questão que me coloco e, que gostaria de vir a conversar convosco, é sobre este nosso momento inicial do curso: o que é que os meus anos de experiência na Conceição das Crioulas me trouxeram de aprendizagens, modos de ver a educação e de fazer artístico, que possa partilhar entre o Quilombo e Guimarães? E quais os desafios que essa prática artística e educativa levanta?

Gostaríamos de convidar-vos a fazer parte desta história.

**Palavras-chave:** Artes visuais. Pedagogia crioula. Educação artística.

## Referências

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: o caminhar como prática estética. Gustavo Gili, 2002.

DEBORD, Guy. *Theory of the Dérive*. Les Lèvres Nues #9. November, 1956. Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 23 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ILLICH, Ivan. *Deschooling Society*. New York: Harper & Row, 1970/1971.

NASCIMENTO, Márcia Jucilene. *Por uma pedagogia crioula*: memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE. Brasília, DF: MESPT/UnB, 2017.

ORDINE, Nuccio. *L'utilità dell'inutile*. Milano: Bompiani, 2013.